

As cidades e nós

Luis Maffei (org.)
Universidade Federal Fluminense

Recebido em: 24/06/19
Aprovado em: 06/07/19

Parte da gente, de nós, está na cidade onde vivemos, na paisagem que formamos e que nos forma cotidianamente. Há também as cidades que não são nossas, que visitamos como quem conhece um corpo estranho, por isso puro desejo. Sempre antiturística, capaz de geográficas inesperadas, a poesia que se faz nas, com as, cidades tenta arquitetura própria, formulando sobretudo espantos e diálogos.

Convidei um conjunto de poetas de Portugal e do Brasil para escreverem cidades, inscreverem-se nelas, ou partilharem poemas éditos. Os nomes que aqui figuram aceitaram o desafio. Não resisti a ensaiar minha voz entre as outras, participando de concerto querido.

Não é um panorama, mas um pormenor talvez múltiplo, que o leitor pode receber entre suas próprias esquinas.

Cláudia Lucas Chéu

A morte do amor começa no *wi-fi*.
No botequim do bairro, a ténue deslealdade
desponta algures entre a mensagem escrita e chávena de café.
A bateria do aparelho — um quarto.
Cúmplice colchão de motel a estrugir sonhos.

Cá fora, no Cais das Colunas, os amantes perderam lugar
e rio Tejo é, hoje, a não paisagem, não vista.
Só um sítio para dependurar turistas.
Nem à água suja se pode lançar em segredo o coração.

Em casa, a sopa e a bica esfriando à mesa da cozinha.
Imagino que procures rede noutra freguesia.
Continuo a esperar por ti de janela aberta,
o tumulto distrai, um pouquinho, os maus fantasmas.

Sou a tua oportunidade de falhar —
cobaia experiente de cenas frustradas.
Podes procurar por toda a cidade,
serei sempre o teu equívoco mais-que-perfeito do indicativo.

(Inédito)

Inês Dias

UN SAMEDI SUR LA TERRE

“Segredos ditos aos mortos nos subúrbios”

António Barahona

Fraco consolo,
meia cidade em troco
de uma morte,
mas as ruas pareciam ávidas
do resto de calor
dos nossos passos.

Era Primavera,
caía em cópia restaurada
a neve mais triste do mundo;
e nada neste poema
precisa de ser uma metáfora:
só tu sabes
todos os atalhos mais demorados
de regresso
ao meu primeiro oriente.

In. *Cibinhos*, Sismógrafo, 2018

Ismar Tirelli Neto

UMA TENTATIVA DE COMUNICAÇÃO

Que osciladores dizem agora – primavera?

Pássaros, a rubrica esperada, desabados
em cantos de trabalho.

Um que outro pombo bêbado caminha
essa rua tão augusta.

São eles que dizem

Senhor? migramos de tão longe.
Ainda há pouco era inverno. Piedade.
Piedade, a mesma que nos chuta
para o canto,

Tu és o beijo prometido da primavera,

Os edifícios erguidos de pássaros,
E também os buracos, murmuramos,

Tocando cortinas tisonadas
De primavera a primavera

Medeia, medusa, troca

de peruca.

(Inédito)

Luis Maffei

LISBOA

Eu me podia encantar como o mais
novo estrangeiro do teu corpo
encarnar saber de ti
ser ave haver-te mãos na esquina
destes bolsos onde é guarda o
abismo o mundo todo
ah cidade
que é este passeio se inclinando
onde me inclino
e só te encontro quando
rua outono tempo
tempo espelho-te e atravesso
(sujo como o rio o mar ¿o tempo?)
o adventício espelho a coisa amada
ainda
esta palavra E poderia eu dizer-te
amor
o espanto de ser teu e nada sermos
versões de muitas mortes mas teus braços
sós
um colo de espessura que se encarna
onde me encosto e sei de ti
E eu podia era partir quebrando
a estrada em bons bocados de te
pôr na boca e estar na esquina e proceder
como quem sabe
quem não sabe
quem te cita na metade da existência
o abismo todo que é
cidade
o outono a pedra a cama o estrangeiro que
te olha vê-se e para
mãos nos bolsos
(de cidade não falo)
como novo como
tendo a boca em chama até a tua
boca até ser
eu
um encantado um advérbio
a havida ave ou
a invenção a agenda rubra
de teu modo

(Inédito)

Manuel de Freitas

SANTARÉM, 12 DE FEVEREIRO DE 2013

à memória de António José Forte
e para a Rosa Maria Martelo

É pela angústia — volto a pensar,
inutilmente — que se chega ao conhecimento,
essa «realidade arbitrária» e talvez impartilhável.

Tenho, porém, a certeza de que vi hoje
fechadas, remodeladas ou devolutas
todas as tabernas e livrarias
em que vorazmente dissipei a minha juventude.
Passei também pelo último edifício
onde o meu pai trabalhou, só para ter a certeza
de que a dor ainda não me é estranha.
E até tresli, numa porta de vidro sem dono,
«Carnaval solitário» em vez de «Carnaval solidário»
– lembrando-me, não de Camus, mas da Rosa.

Vi depois que estava para venda o bar onde conheci
«o homem mais triste do mundo». E entrei no Centro
Comercial, para me tentar sentir um pouco pior
(consegui). Parei em frente à loja de cortinados
Katuxa, onde outrora se vendiam inesperados vinhos
que, embora tenham envelhecido mal,
me deram momentos de paixão que nem Bach superou.

E havia cafés sem gente, gente sem cafés,
esta coisa demasiado lúgubre a que chamamos Carnaval.
Não tive coragem de ir suplicar à Zulmira que fosse,
durante dez minutos, a minha verdadeira mãe,
trazendo-me cerveja, tabaco, a sopa que deixou de servir
aos clientes que se perderam para sempre nas entranhas da cidade.

Mas a janela manuelina continua lá, Herberto,
encimando uma loja de trapos e cercada
de bancos e polícias que aproveitam, à sua maneira,
o facto de hoje ser quase feriado, dia tão «só
até aos joelhos» que acaba por se tornar insuportável
e condensa, em poucas horas, «quarenta noites de insónia».

Apanhei um táxi, em frente à maior loja chinesa do Ribatejo.
Um resto de chuva lavava o chão vazio, detinha-se
nos letreiros caducos de pensões onde o amor local é proibido.

Há, de facto, cidades tão mortas que nem um poema merecem.

In. *Ubi sunt*, Averno, 2014

Roberta Ferraz

formas aperfeiçoadas da cidade II

o incontestável paulistano enfrenta oitenta e oito quilômetros de lentidão

na rua o dístico
dinheiro & morte

morte & ventre
ventre & dinheiro

o azedo caolho dos engenhos
tudo superprodutivo e mártir

o dístico dinheiro & morte
o ventre o dinheiro oremos

de ralos faz-se a catedral
e abastece-a a passividade

de um domingo sem vacina
ânimo pouco e nenhum sinal

despeja-se fora uma nova
segunda-feira já em dívida

estamos todos bem é a lida
engole-se & vamos à desova

taxistas sabem repousar num domingo
tem muita gente te chamando da televisão

o sonambulismo é tendência é moda é mão
há tapa-olhos coloridos há jogos de bingo

acompanhado de banhas fritas & água-benta
ficamos a sós, medidos à massa, tudo vai bem

é nova a garrafa, ignoramos as contas, nos pés de ninguém
deixamos o dístico, inchaço e refrão, rebento

amanhã é dia de branco, opaca
uma aspirina e mal

engole-se está tudo bem complacente igual
morte & dinheiro dinheiro & ventre gira catraca

In. *Saturação de Saturno*. Oficina Raquel, 2013.

Minicurrículo

Luis Maffei é Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e poeta brasileiro.